



Perfil socioeconômico e autoconsumo: mudanças vistas a partir da comercialização em circuitos curtos

Socioeconomic profile and self-consumption: Changes seen from the commercialization in short circuits

CONTRIGIANI, Ariele Carolina¹; MARJOTTA-MAISTRO, Marta Cristina²,
MONTEBELLO, Adriana Estela Sanjuan²; SAUTIER, Denis³

¹ Mestra em Agroecologia e Desenvolvimento Rural (PPGADR) – CCA/UFSCar, Ariele.contrigiani@gmail.com; ² Docentes no Programa de Agroecologia e Desenvolvimento Rural (PPGADR) – CCA/ UFSCar, marjotta@ufscar.br adrianaesm@ufscar.br; ³ CIRAD, denis.sautier@cirad.fr

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Sistemas Agroalimentares e Economia Solidária

Resumo: Este artigo teve como objetivo traçar o perfil socioeconômico dos assentados que comercializam via cestas para grupos de consumo, e analisar os impactos no consumo alimentar a partir dessa experiência. A metodologia utilizada foi um estudo de caso junto à Cooperflora, de caráter descritivo e exploratório, com dados quantitativos e qualitativos. Como resultado, constatou-se, mudanças significativas no processo produtivo e na alimentação dos agricultores. Conclui-se que os circuitos curtos de comercialização obtiveram resultados positivos para o desenvolvimento rural, valorização da produção, melhoria da renda, além de ter um potencial educativo no âmbito da Agroecologia.

Palavras-chave: agroecologia; alimentação; desenvolvimento rural; redes alimentares alternativas.

Introdução

A revolução Verde, símbolo da intensificação agrícola, falhou em assegurar uma produção de alimentos abundante para a popularização (ALTIERI; NICHOLS, 2012). A agricultura com o alto uso de agrotóxicos e fertilizantes químicos, cada vez mais, tem demonstrado sua insustentabilidade ao provocar grande degradação ao solo, envenenamento da água e ser altamente tóxico para a saúde dos produtores e consumidores (NOVAES, 2015).

Somando-se a isso, o sistema agroalimentar concentra o poder no centro da cadeia de produção/transformação/distribuição de alimentos, ou seja, nas grandes redes de supermercados varejistas e atacadistas e na indústria de alimentos, fazendo com que, muitas vezes, os agricultores familiares fiquem dependentes dos atravessadores (WARDERLEY, 1998) e subordinando também os consumidores, que perdem o seu poder de escolha (PLOEG, 2008). Assim, não há dúvidas da necessidade de outro modelo de desenvolvimento rural, que fomente não só



sistemas de produção, distribuição e consumo mais sustentáveis, mas também que perpassasse por relações mais justas e igualitárias.

Neste viés, a Agroecologia está altamente ligada com toda a organização social e o processo produtivo. Ela pode ser entendida como uma forma de ação coletiva que representa alternativa ao modelo de manejo industrial, estabelecendo outras formas de produção e consumo alternativos, a fim de enfrentar a crise ecológica e social, desde a produção até a circulação dos produtos (SEVILLA GUZMAN, 2001).

Neste contexto, emergem iniciativas de desenvolvimento de mercados solidários cujos objetivos são promover possibilidades agroecológicas, que estreitam a relação entre agricultores e consumidores, facilitando o acesso aos alimentos saudáveis, garantindo a segurança alimentar e a circulação de renda de forma mais local (PLOEG, 2009). Esses mercados reconectam a produção e o consumo, e com isso favorecem a reinserção econômica de pessoas em situação de vulnerabilidade social (GOODMAN; DUPUIS, 2002; MALUF, 2004).

Este artigo tem os objetivos de traçar o perfil socioeconômico dos assentados que comercializam via cestas para grupos de consumo e analisar os impactos no consumo alimentar dos agricultores a partir dessa experiência, como mudanças e satisfação com a alimentação.

Metodologia

Este estudo possui caráter metodológico descritivo e exploratório, com abordagem qualitativa e quantitativa. Como forma de coleta de dados foram aplicados onze formulários semiestruturados, entre os meses de outubro e dezembro de 2020. Todos os sujeitos e sujeitas da pesquisa são assentados/as no PDS Comuna da Terra Milton Santos, na área rural dos municípios de Americana e Cosmópolis /SP. Todos participam de um coletivo que está se organizando por meio de uma cooperativa e fazem a sua comercialização para grupos de consumo organizados na Região Metropolitana de Campinas.

A forma de comercialização se dá pelas Cestas Agroecológicas e mais itens avulsos que também são disponibilizados para os consumidores em cada entrega. Entre as 68 famílias do Assentamento, e as 20 famílias que estão ligadas à Cooperflora, foram escolhidos 11 agricultores que comercializam para os grupos de consumo como amostra deste trabalho. Eles foram escolhidos a partir de uma amostragem não probabilística por conveniência e intencionalidade, visto que foram selecionados tendo como base “critérios de escolhas intencionais sistematicamente utilizados com a finalidade de determinar as unidades da população que fazem parte da amostra” (CARMO; FERREIRA, 2008, p.215).

Resultados e Discussão



Perfil dos Agricultores

Dos 11 agricultores entrevistados, 9 deles vivem no local desde o acampamento, ou seja, desde 2005, participaram de todo o processo de ocupação da terra: dos despejos, mudanças, viveram em casas feitas com lona preta em um primeiro momento, para depois passarem pelo processo de regularização e homologação da área. Apenas 2 deles chegaram após o assentamento já estar consolidado, um deles foi por intermédio de um relacionamento afetivo, pois se casou com uma pessoa assentada e o outro assumiu o lote de um familiar. A origem de 9 dos agricultores é rural.

A experiência agrícola deste grupo antes de serem assentados, está distribuída da seguinte forma: 5 possuíam experiência como trabalhador rural assalariado, 2 não possuíam experiência agrícola anterior e 2 a família era arrendatária de terras. Em relação aos 3 agricultores com origem urbana, 2 deles responderam não ter experiência anterior e um relatou que, apesar de ter origem urbana, foi criado com avós que tinham experiência agrícola e lhe ensinaram como cuidar de uma horta, assim desde criança já tinha o interesse de ter a sua própria horta, algo que ela mesma pudesse cuidar.

Dos sujeitos e sujeitas que participaram desta pesquisa, a maioria está concentrada no gênero feminino. Vale ressaltar que desses, 62% o casal participa, ou já participou, das reuniões para montagem das cestas, atividades da cooperativa e do MST, no entanto a aplicação do formulário foi realizada com a mulher, no caso, preferencialmente, a 1ª titular do lote. Apenas um caso, dentre o gênero feminino, que a mulher não está como primeira titular (agricultor/a 1), que foi para o assentamento já consolidado, devido a relação afetiva. As autoras Contrigiani e Paula (2019) trazem o debate, anteriormente abordado por Faria (2009), que os trabalhos de sobrevivência, cuidados e de reprodução são historicamente confiados às mulheres, e apontam, sem entrar no mérito sobre o debate sobre divisão sexual do trabalho, que este “papel” tende impactar no interesse das mulheres em consumir e produzir alimentos saudáveis. Desta forma, a Agroecologia tem um papel importante na vida das mulheres, à medida que traz à tona a importância de temas como saúde, alimentação familiar e cuidado, tirando-os/as da invisibilidade e integrando essas mulheres a espaços que, anteriormente, lhe foram negados. O grupo de agricultores da cooperativa é predominantemente formado por mulheres, na divisão das tarefas são elas que comandam a organização da composição das cestas, entram em contato com os consumidores para pegarem as encomendas e tirarem as dúvidas, além da montagem, como a conferência dos produtos entregues, também serem coordenados por uma mulher.

Mudanças identificadas da alimentação



Este tópico do estudo visa mostrar as mudanças vistas no consumo, na alimentação depois da comercialização em circuitos curtos. Quando perguntado sobre a variação no consumo, 9 dos entrevistados relataram que sua alimentação teve mudança, dos 2 que disseram não ter tido mudanças, um foi por que já tinha bons hábitos alimentares e o outro relatou perder a vontade de comer legumes e hortaliças por trabalhar produzindo isso. Das 9 pessoas que relataram que a alimentação sofreu mudança, foi possível observar duas questões de caráter mais objetivo que contribuíram para essa variação, além das motivações que serão abordadas no próximo tópico. Uma delas foi a questão da disposição dos alimentos, a partir do momento que passaram a produzir de forma mais diversificada, isso também gerou consequências na alimentação, já que tinham mais alimentos disponíveis no lote.

A outra questão foi o aumento da renda, com mais dinheiro e recebendo com regularidade os agricultores relataram a possibilidade de comprar mais alimentos no mercado e outras coisas que têm necessidade. Essa situação é demonstrada em duas etapas distintas, uma com o processo de ser assentado que já é uma transformação na vida das pessoas envolvidas e a outra foi com o início da comercialização para os grupos de consumo.

Satisfação com a Alimentação

Quando perguntado o nível de satisfação com a alimentação (sendo 3 para melhor e 1 para o pior), 73% dos entrevistados responderam 1 e 27% responderam o número 2, que é um nível intermediário. Já depois do início da comercialização para os Grupos de Consumo 45% responderam estarem no nível 2 e 55% responderam com a melhor opção. Dos 73% que responderam com o número 1, 50% deles (ou 4 em número absoluto) passaram para o nível intermediário de satisfação com a alimentação, já os outros 50% passaram para o melhor nível de satisfação com a alimentação. Já dos 27% que assinalaram a opção 2, dois agricultores (67%) passaram para o nível 3 e uma pessoa (33%) se manteve no mesmo nível. O/A agricultor/a 5 se manteve no mesmo, este foi o mesmo que relatou perder a vontade de comer variedades de hortifrúti, por trabalhar produzindo isso, assim não teve grandes mudanças em sua alimentação.

Dos 10 agricultores que relataram mudanças em seus hábitos alimentares, 2 disseram que estão dando maior importância para alimentação; 4 disseram que o motivo é a alimentação mais diversificada. 4 responderam sim para ambos, tanto mais diversidade, quanto mais importância. Além do/a agricultor/a de número 5 que disse não ter sofrido mudanças, nenhum dos agricultores relatou diminuição da variedade na alimentação e que está dando menos importância. Algumas falas também são dispostas no corpo do texto como forma complementar à questão



fechada, para evidenciar melhor as mudanças de hábitos alimentares. Um dos motivos que os agricultores relataram por dar mais importância à alimentação, é por estarem envelhecendo, com exceção de apenas um dos agricultores, todos têm mais de 45 anos. Esse fato segue o cenário rural brasileiro em geral, no qual a população está envelhecendo.

A alimentação é vista de forma integrada ao trabalho de produzir, a partir do início da comercialização para os grupos de consumo, o coletivo de agricultores começou a se unir mais, atualmente relatam que fazem mutirões para implantação de SAFs nos lotes, e durante a reunião para a montagem das cestas, trocam experiências. Este fato se deu a partir do processo educativo em torno da Agroecologia proposto pela direção do MST e do aumento das vendas e da renda, assim os agricultores ficaram mais animados com o processo produtivo e passaram a unir esforços para fortalecer a comercialização

Conclusões

Os objetivos desse capítulo/artigo foram traçar o perfil socioeconômico dos assentados que comercializam via cestas para grupos de consumo e analisar os impactos no consumo alimentar a partir dessa experiência. Com o estudo realizado foi possível perceber as dinâmicas no processo produtivo, como tanto a produção como a alimentação/consumo, foram se desenvolvendo com o passar do tempo. Os agricultores sujeitos desta pesquisa não produzem apenas para a comercialização, também utilizam da sua produção para o consumo da família, além disso, passaram a realizar trocas de alimentos entre si o que demonstra que a coletividade vai para além do processo de comercialização para os grupos de consumo, os agricultores também partilham demandas diárias da vida em geral na comunidade e isso reflete na alimentação.

Os resultados encontrados demonstram que a partir do início da comercialização para os grupos de consumo em outubro de 2016 até o trabalho de campo em outubro a dezembro de 2020, os agricultores ficaram mais animados e passaram a produzir de forma diferenciada e com mais qualidade, junto a isso observou-se a importância da estrutura da cooperativa e do movimento social que potencializou a produção Agroecológica e a organização coletiva. Esse processo foi de extrema importância para o desenvolvimento local após a redução das políticas públicas para a agricultura familiar e escoamento da produção. A pesquisa demonstrou que produzir parte da alimentação, diminui as possibilidades de passar fome e/ou ter algum tipo de necessidade nutricional, possibilitando a melhora da qualidade alimentar.

A experiência pesquisada deste trabalho não é um caso isolado. Muitos outros assentamentos no território brasileiro têm desenvolvido formas de vendas diretas, além de contribuir com a regeneração do território, preservação ambiental,



propiciando o renascimento de cinturões verdes em regiões e áreas ameaçadas pela monocultura e a agricultura altamente especializada e intensiva. Assim, ressalta a contribuição da Reforma Agrária também para o fortalecimento da segurança e soberania alimentar da população. Portanto, conclui-se que os circuitos curtos de comercialização e aproximação do agricultor com o consumidor têm resultados positivos para o desenvolvimento rural, valorização da produção, melhoria da renda, entre outros, e contribuiu para um potencial educativo no âmbito da Agroecologia.

Referências bibliográficas

ALTIERI, Miguel Angel; NICHOLLS, Clara Ines. Agroecología: Unica esperanza para la soberanía alimentaria y la resiliencia socioecologica; Agroecología 7 (2): 65-83, 2012

CARMO, Hermano; FERREIRA, Manuela Malheiro. Metodologia da investigação: Guia para AutoAprendizagem. 2. Ed. Lisboa: Universidade Aberta, 2008. p.377.

CONTRIGIANI, Ariele Carolina. ; PAULA, Fernanda Folster . A produção agroecológica e comercialização em circuitos curtos de alimentação da Cooperflora e o protagonismo das mulheres. In: IX Jornada de estudos em assentamentos rurais, 2019, Campinas. Cadernos de resumos da IX Jornada de estudos em assentamentos rurais. Campinas: Feagri/Unicamp, 2019.

GOODMAN, David; DEPUIS, E. Melanie. Knowing food and growing food:beyond the production-consumption debate in the sociology of agriculture. Sociologia Ruralis, v. 42, p. 5-22,2002.

MALUF, Renato. S. J. Mercados agroalimentares e a agricultura familiar no Brasil: agregação de valor, cadeias integradas e circuitos regionais. Ensaios FEE, v. 25, n.1, p. 299-322, 2004.

NOVAES, Henrique. A economia política da “revolução verde”, a agroecologia e as escolas de agroecologia do MST in.: NOVAES, H. et. al. Questão Agrária, Cooperação e Agroecologia. 1ª Ed. – São Paulo. Outras Expressões, 2015. 408 p.

PLOEG, Jan Douwe Van Der. Camponeses e Impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. UFRGS Editora, 2008.

PLOEG, Jan Douwe Van Der. The New Peasantries: new struggles for autonomy and sustainability in an era of empire and globalization. 2009. London: Earthscan.

SEVILLA GUZMÁN, Eduardo. Bases sociológicas de la agroecología. In: Encontro Internacional sobre Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável. (texto para conferencia). Botucatu, 2001.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Em busca da modernidade social: uma homenagem a Alexander Chayanov. In: Para Pensar outra agricultura. Curitiba: Editora UFPR, 1998